jean-jacques rousseau

discurso sobre as artes e as ciências

textos marginais

6

textos marginais

jean-jacques rousseau

discurso sobre as artes e as ciências

porto / 1972

título original	discours sur les sciences et les artes
tradutor	antónio ribeiro
Revisor	a. simões
editor	antónio daniel abreu

APRESENTAÇÃO DE HENRI GUILLEMIN

Rousseau é, *por excelência, o homem que se discute sem se conhecer.* Esta observação, feita por Bergson, em 1912, mantém toda a sua actualidade. É incrível a quantidade de disparates que sobre Jean--Jacques Rousseau se foram acumulando ao longo do tempo. E isto porque não é lido e porque se fala dele *sem saber*. Muitos há que o não querem ler, com receio de descobrir, nos seus escritos, o que aí não desejam encontrar. O nome de Rousseau permanece um símbolo, odiado ou venerado, e é preciso não mudar seja o que for. Para uns, ainda o malfeitor, um dos principais responsáveis pela Revolução Francesa. Para outros o jogo é diferente. Cuidadosamente atentos em esconder o ódio furioso, homicida (estes dois epítetos, que parecem desmesurados, são perfeitamente adequados), a raiva sem perdão dos Enciclopedistas conta ele, [1] aqueles que hoje se dizem na linha dos «filósofos» são importunados

---

[1] A aplicação desta táctica começou em 1789. «Tiremos o véu de cima deste escândalo», escreveu S. Mercier no seu livro «De Jean-Jacques Rousseau considerado como um dos autores da Revolução» (1791, T. II, pág. 136).

por todos estes textos que se lhes mostram e que revelam o abismo, e abismo é a palavra exacta, cavado entre Rousseau e estes *irmãos* de que falava Voltaire; irmão Grimm, irmão d'Alembert, irmão Hume, e todos os outros.

«Este homem que toma por mim, não sou eu», dizia Jean-Jacques a Mylord Maréchal, em 19 de Março de 1767.

Esforcemo-nos por não imitar este Mylord.

CRONOLOGIA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

1712 — 28 de Junho, nascimento de Jean-Jacques Rousseau, filho de Isaac Rousseau e de Susana Bernard, em Genebra.
4 de Julho, baptismo na igreja de S. Pedro.
7 de Julho, Jean-Jacques perde a mãe, será educado pela tia, Susana Rousseau.

1722 — 21 de Outubro, Jean-Jacques entra para a casa do pastor Lambercier, em Bossey, perto de Genebra.

1725 — 26 de Abril, um contrato de aprendizagem, por cinco anos, é assinado entre Jean — Jacques e o mestre gravador Abel Du Commun.

1728 — 14 de Março, na volta de um passeio, Rousseau encontra as portas da cidade fechadas e decide não mais voltar para casa do patrão.
21 de Março, Rousseau, em Annecy, visita a Sr.ª de Warens para quem tem uma carta de recomendação.
24 de Março, Rousseau vai a pé a Turim.
21 de Abril, Rousseau abjura.

1728 - 1738 — Rousseau exerce as profissões de lacaio, de secretário, de professor de música, de intérprete, de empre-

gado do cadastro, etc., em França, em Itália e na Suíça. A Sr.ª de Warens protege-o.

1736 - 1739 — Rousseau instrui-se, sòzinho, em «Les Charmettes».

1742 — 22 de Agosto, Rousseau, apresentado por Réaumur, lê na Academia das Ciências o seu «*Project concernant de nouveax singnes pour la musique*» (Projecto de novos sinais para a música).

1743 — Janeiro, aparecimento da sua *Dissertation sur la musique moderne* (Dissertação sobre a música moderna).

1747 — 9 de Maio, morte de Isaac Rousseau.

1749 — Rousseau colabora na *Encyclopédie* (Enciclopédia) nos artigos sobre música. Liga-se a Thérèse de Vasseur.

1750 — 9 de Julho, a Academia de Dijon distingue o Discurso de Rousseau redigido em resposta à questão proposta para o prémio de moral: *Si le rétablissement des sciences des arts a contribué à épurer les moeurs* (Se o restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para depurar os costumes).

1754 — 1 de Agosto, Rousseau, em Genebra, desde Junho, é reintegrado na Igreja de Genebra, admitido à comunhão e readquire a qualidade de cidadão de Genebra.

1755 — *O Discours sur l'origine de l'Inégalité parmi les hommes* (Discurso sobre a origem da Desigualdade entre os homens), assunto proposto a concurso pela Academia de Dijon em 1753, é impresso. Rousseau, desta vez, não é premiado.

1756 — 9 de Abril, Rousseau deixa Paris para ir viver em «*Ermitage*» perto de Montmorency.

1758 — *Lettre à d'Alembert sur les spectacles* (Carta a d'Alembert sobre os espectáculos).

1761 — Janeiro, publicação de *La Nouvelle Héloise* (A Nova Heloísa). Dezembro, o *Emile* (Emílio) é impresso em Amesterdão.

1762 — Abril, impressão em Amesterdão do *Contrat social* (Contrato social); a sua entrada em França é proibida no mês seguinte.
Maio - Junho, *Emílio*, posto à venda em 27 de Maio, é confiscado pela polícia em 3 de Junho, condenado pelo Parlamento a 9 e queimado a 11. Rousseau deixou Paris a 9. Em 19 de Junho, *Emílio* e o Contrato *socia,l* são queimados em Genebra. Rousseau refugiou-se em Môtiers, no principado de Neuchâtel.

1763 — 16 de Abril, Rousseau torna-se cidadão de Neuchâtel.

1764 - 1765 — Rousseau começa a redacção das suas *Confessions* (Confissões).

1766 - 1767 — Estadia de Rousseau em Inglaterra.

1768 — Estadia em Lyon, depois em Bourgoin onde Rousseau casa com Thérèse.

1770 — Rousseau, de novo em Paris, exerce o seu ofício de copista e dedica-se ao estudo das plantas. Termina as *Confissões.*

1771 — Rousseau começa as *Considérations sur le gouvernement de Pologne* (Considerações sobre o governo da

Polónia); acaba esta obra no ano seguinte.

1773 — Rousseau escreve *Dialogues ou Rousseau juge de Jean-Jacques.* (Diálogos ou Rousseau juíz de Jean-Jacques).

1776 — Início de *Rêveries du promeneur solitaire* (Fantasias do viajante solitário).

1778 — Estadia em Ermenonville, em casa do marquês René de Girardin. 2 de Julho, morte de Jean-Jacques às 11 horas da manhã. 4 de Julho, inumação na île des Peupliers, às 11 horas da noite.

1794 — 9 a 11 de Outubro, transladação do corpo de Jean-Jacques Rousseau para o Panteão.

DISCURSO

SE O RESTABELECIMENTO DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES CONTRIBUIU PARA DEPURAR OS COSTUMES

«Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis».
Ovid. Trist. *V. eleg. x, 37.*

ADVERTÊNCIA

O que é a celebridade! Aqui está a infeliz obra a que devo a minha. É certo que este trabalho, que me valeu um prémio, e que me granjeou um nome, é quando muito medíocre e ouso acrescentar que é um dos mais fracos de toda esta colectânea [1]. Que turbilhão de infortúnios não teria evitado o autor, se este primeiro escrito não tivesse sido recebido senão como merecia! Mas foi preciso que um favor então injusto sobre mim atraísse aos poucos um rigor que o é ainda mais.

---

[1] Esta recolha compreendia, então, além dos dois discursos, a «Carta sobre os espectáculos», o (Emílio», a «Nova Heloísa» e o «Contrato social».

PREFÁCIO

Eis uma das grandes e belas questões que jamais foi levantada. Não se trata neste discurso daquelas subtilezas metafísicas que ganharam os favores da literatura e de que os programas da Academia nem sempre estão isentos; mas trata-se antes de uma dessas verdades que está ligada à felicidade do género humano.

Prevejo que dificilmente me perdoarão o partido que ousei tomar. Atacando de frente tudo aquilo que hoje em dia faz a admiração dos homens, não posso esperar senão a censura universal; e não é por ter sido honrado com a aprovação de alguns sábios que devo contar com a do público: por isso a minha opção está feita; não me preocupo em agradar nem aos bons espíritos, nem às pessoas que andam à moda. Haverá em todos os tempos homens nascidos para serem substimados pelas opiniões do seu século, do seu país e da sua sociedade. Assim faz o espírito forte o o filósofo que, pela mesma razão, não foi senão um fanático do tempo da Liga. É preciso não escrever para tais leitores se se quer viver para além do seu tempo.

Uma palavra mais e acabo. Não contando com a honra que recebi, eu tinha refundido e aumentado este discurso, depois de o ter enviado, a ponto de o ter tornado, de certo

modo, uma outra obra. Hoje julguei-me obrigado a dar-lhe o aspecto com que foi premiado. Apenas lhe juntei algumas notas e também dois aditamentos fáceis de reconhecer e que a Academia não teria possìvelmente aprovado. Pensei que a justiça o respeito e o reconhecimento exigiam de mim esta advertência.

DISCURSO

«Decipimur specie recti»
Hor. de Art. poet. *v. 25.*

O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para purificar ou para corromper os costumes? Aqui está o que vamos examinar. Que partido devo tomar nesta questão? Aquele, meus senhores, que convém a um homem honesto e que nada sabe, e que se não julga menos por isso.

Sinto que será difícil adaptar o que tenho a dizer ao tribunal em que compareço. Como ousar censurar as ciências perante uma das mais sábias companhias da Europa, louvar a ignorância numa célebre Academia e conciliar o desprezo pelo estudo com o respeito pelos veneráveis sábios? Vi essas contradições e não me dissuadiram. Não é a ciência que eu maltrato, pensei, mas é a virtude que defendo perante os homens virtuosos. A probidade é ainda mais cara às pessoas de bem do que a erudição aos doutos. Que tenho a recear? As luzes da assembleia que me escuta? Confesso que sim; é porém pela constituição do discurso e não pelo sentimento do orador. Os soberanos justos nunca hesitaram em se condenar a si próprios nas discussões duvidosas; e a posição mais vantajosa em bom direito é ter que se defender contra uma

parte íntegra e esclarecida, juíz em causa própria.

A este motivo, que me encoraja, junta-se um outro que me determina: é que após ter sustentado, segundo a minha luz natural, o partido da verdade, seja qual for o meu sucesso, há um prémio que não deixo de obter: o que encontro no fundo do meu coração.

PRIMEIRA PARTE

É um espectáculo tão grande e belo ver o homem sair, de qualquer maneira, do nada pelo seu próprio esforço; dissipar, graças às luzes da sua razão, as trevas nas quais a natureza o tinha lançado; elevar-se acima de si próprio; lançar-se pelo espírito às regiões celestes; percorrer a passos de gigante, tal como o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é ainda mais grandioso, e mais difícil, entrar em si mesmo para aí estudar o homem e conhecer a sua natureza, os seus deveres e o seu fim. Todas estas maravilhas se foram renovando de há poucas gerações para cá.

A Europa tinha voltado à barbárie dos primeiros tempos. Os povos desta parte do mundo, hoje tão esclarecida, viviam há alguns séculos, num estado pior que a ignorância. Não sei que calão científico, ainda mais desprezível que a ignorância tinha usurpado o nome do saber e opunha ao seu regresso um obstáculo quase invencível. Era necessária uma revolução para reconduzir os homens ao senso comum; e ela veio por fim de onde menos se esperava. Foi o estúpido mulçumano, foi o eterno flagelo das letras que as fez renascer entre nós. A queda do trono de Constantino levou para a Itália os destroços da antiga Grécia. A França aproveitou-se por seu lado destes

preciosos despojos. Em breve, as ciências seguiram as letras: à arte de escrever juntou-se a arte de pensar; sequência que parece estranha e que não deixa talvez de ser natural, e começou a sentir-se a principal vantagem do comércio das musas, a de tornar os homens mais sociáveis, inspirando-lhes o desejo de agradarem uns aos outros por obras dignas da sua aprovação mútua.

O espírito tem as suas necessidades tal como o corpo. Estas são os fundamentos da sociedade, aquelas criam a satisfação. Enquanto que o governo e as leis proveêm à segurança e ao bem estar dos homens associados, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e mais poderosas talvez, lançam grinaldas de flores sobre as cadeias que eles carregam, abafam neles o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem-nos amar a sua escravatura, e fazem deles o que se chama povos civilizados. A necessidade construiu os tronos, as ciências e as artes consolidaram-nos. Poderosos da terra, amai os talentos e protegei os que os cultivam (a). Povos civilizados desenvolvei-os; escravos felizes, vós deveis-lhes esse gosto delicado e subtil com que vos picais, essa doçura de carácter e essa urbanidade de costumes que tornam tão leves e tão fáceis as relações entre vós; numa palavra, as aparências de todas as virtudes sem que exista nenhuma.

É por essa espécie de cortesia, tanto mais amável quanto menos tenta mostrar-se que se distinguiram outrora Atenas e Roma nesses tempos tão louvados da sua magnificência e esplendor; é graças a ela sem

dúvida, que o nosso século e a nossa nação prevalecerão sobre todos os tempos e sobre todos os povos. Um tom filósofo sem pedantismo, maneiras naturais mas corteses, igualmente afastados da rusticidade tudesca e da pantomina ultramontana: eis os frutos do gesto adquirido nos bons estudos e aperfeiçoados na convivência do mundo.

Como seria aprezível viver entre nós se a atitude exterior fosse sempre a imagem das disposições do coração, se a decência fosse a virtude, se as nossas máximas nos servissem de regras, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do epíteto de filósofo!

Mas todas estas qualidades raramente aparecem juntas e a virtude nunca anda com tão grande pompa. A riqueza do vestuário pode anunciar um homem opulento, e a sua elegância um homem de gosto: o homem são e robusto reconhece-se por outros sinais; é sob o vestuário rústico do lavrador e não sob os ouros de um cortesão que se encontram a força e o vigor do corpo. Os atavios não são menos estranhos à virtude que é a força e o vigor da alma. O homem de bem é um atleta que gosta de combater nu; despreza todos estes vis ornamentos que impediriam o uso das suas forças e a maior parte daqueles não foram inventados senão para esconder qualquer disformidade.

Antes da arte ter modelado as nossas maneiras e ensinado os nossos instintos a falar uma linguagem rebuscada, os nossos costumes eram rústicos mas naturais; e a diferença de atitude mostrava imediatamente a diferença dos carácteres. A natureza humana, no fundo, não era melhor; mas os homens encontravam a segurança na

facilidade de se compreenderem recìprocamente. E este benefício de que já nos não apercebemos, poupava-lhes muitos vícios.

Hoje, que formas mais subtis e um gosto mais requintado reduziram a princípios a arte de agradar, reina nos nossos costumes uma vil e enganadora uniformidade e todos os espíritos parecem ter sido lançados numa mesma forma: sem cessar a delicadeza exige, o decoro ordena; sem cessar se seguem hábitos, nunca a sua própria inspiração. Já não se ousa mostrar o que se é; e neste constrangimento perpétuo os homens que formam este rebanho que se chama sociedade, colocados nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas se motivos mais poderosos os não impedirem. Nunca se saberá bem com quem se trata: será preciso, pois, esperar as grandes ocasiões para conhecer o seu amigo, isto é, esperar que já não seja o momento oportuno, já que é precisamente para estas ocasiões que teria sido necessário conhecê-lo.

Que cortejo de vícios não acompanhará esta incerteza. Acabadas as amizades sinceras, acabada a verdadeira estima, acabada a confiança fundada. As suspeitas, as desconfianças, os medos, a indiferença, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão sem cessar sob este véu uniforme e pérfido de cortesia, sob esta urbanidade tão enaltecida que devemos às luzes do nosso século. Já não profanaremos com juras o nome do Senhor do universo; mas insultá-lo-emos com blasfémias sem que os nossos ouvidos escrupulosos se sintam ofendidos. Não se enaltecerá o mérito próprio mas depreciar-se-á o dos outros. Não se ultrajará grosseiramente o inimigo mas será caluniado com

habilidade. Esfumar-se-ão os ódios nacionais mas será com o amor à pátria. À ignorância desprezada sucederá um temível pirronismo. Haverá excessos proscritos, vícios desonrados; mas outros serão entronizados com o nome de virtudes; será necessário tê-los ou simulá-los. Adulará quem pretender a sobriedade dos sábios do tempo; nisso só vejo, para mim, um refinamento do excesso, tão indigno do meu elogio como a artificiosa simplicidade.(a)

Tal é a pureza que adquiriram os nossos costumes; foi assim que nos tornámos pessoas de bem. Cabe às ciências, às letras e às artes reivindicar o que lhes pertence numa obra tão salutar. Junto só mais uma reflexão: se um habitante de um país longínquo procurasse fazer uma ideia dos costumes europeus, sobre o estado das ciências entre nós, sobre a perfeição das nossas artes, sobre o decoro dos nossos espectáculos, sobre a delicadeza das nossas maneiras, sobre a afabilidade das nossas palavras, sobre as nossas perpétuas manifestações de benevolência e sobre este concurso tumultuoso de homens de todas as idades e de todos os estados que parecem empenhados desde o raiar da aurora até ao pôr do sol em obsequiar-se recìprocamente; este estrangeiro, dizia eu, adivinharia dos nossos costumes exactamente o contrário do que eles são.

Onde não há efeito algum, não há causa a procurar: mas aqui o efeito é certo, a depravação real; e as nossas almas corrompem-se à medida que as ciências e as artes avançam na perfeição. Dirão que é um defeito peculiar da nossa época? Não, meus senhores; os males causados pela nossa vã

curiosidade são tão velhos como o mundo. O subir e o descer quotidianos das águas do oceano não foram mais regularmente submetidos ao curso do astro que nos ilumina durante a noite, que o destino dos costumes e da probidade ao progresso das ciências e das artes. Vimos a virtude desaparecer à medida que a luz daquelas se elevava no nosso horizonte e o mesmo fenómeno se observou em todos os tempos e em todos os lugares.

Vejam o Egipto, primeira escola do universo, clima tão fértil, sob um céu de bronze, país célebre donde Sesostris partiu outrora para conquistar o mundo. Tornou-se o berço da filosofia e das belas artes e, pouco depois, a conquista de Cambise; depois a dos Gregos, dos Romanos, dos Árabes e, por fim, dos Turcos.

Vejam a Grécia, outrora povoada de heróis que venceram duas vezes a Ásia, uma diante de Tróia e outra dentro das suas próprias fronteiras. As letras nascentes não tinham levado a corrupção aos corações dos habitantes; mas o progresso das artes, a dissolução dos costumes e o jugo do Mecedónio seguiram-se de perto; e a Grécia, sempre sábia, sempre voluptuosa e sempre escrava, nunca mais experimentou nas suas revoluções senão simples mudanças de senhores. Nem toda a eloquência de Demóstenes pôde jamais reanimar o corpo que o luxo e as artes tinham depauperado. Foi no tempo dos Énios e dos Terêncios que Roma, fundada por um pastor e tornada célebre por trabalhadores, começou a degenerar. Mas depois dos Ovídios, dos Catulos, dos Marciais e de toda esta multidão de autores obscenos cujos nomes bastam para

alarmar o pudor, Roma, outrora teatro da virtude, tornou-se o teatro do crime, o opróbrio das nações e o joguete dos bárbaros. Esta capital do mundo cai, enfim, sob o jugo que ela própria tinha imposto a tantos povos; e o dia da sua queda foi véspera daquele em que se deu a um dos seus cidadãos o epíteto de árbitro do bom gosto. ([1])

Que direi eu desta metrópole do império do Oriente que pela sua posição parecia dever sê-lo do mundo inteiro, asilo das ciências e das artes proscritas do resto da Europa, talvez mais por sabedoria que por barbárie? Tudo o que a libertinagem e a corrupção têm de mais vergonhoso; as traições, os assassínios e os venenos de mais negro; o conjunto de todos os crimes de mais atroz: eis o que forma a trama da história de Constantinopla; eis a nascente pura donde jorraram as luzes de que o nosso século se orgulha.

Mas porquê procurar em tempos recuados provas de uma verdade da qual temos sob os nossos olhos testemunhas consistentes? Existe na Ásia, um país imenso onde as letras respeitadas conduzem às mais altas dignidades do Estado. Se as ciências purificassem os costumes, se ensinassem os homens a derramar o sangue pela pátria, se animassem a coragem, os povos da China deveriam ser sábios, livres e invencíveis. Mas se não há vício que os não domine, crime que lhes não seja familiar; se nem as luzes dos ministros, nem a pretensa sabe-

---

([1]) Petrónio recebeu o epíteto de *árbitro das elegâncias*, sob o reinado de Nero.

doria das leis, nem a multidão dos habitantes deste vasto império puderam salvá-los do jugo do Tártaro ignorante e rude, de que lhe serviram todos os seus sábios? Que fruto colheu das honras com que foram cumulados? Terá sido por ser povoada de escravos e de preversos?

Comparemos estes quadros com o dos costumes do pequeno número de povos que, preservados do contágio dos vãos conhecimentos, construíram pelas suas virtudes, a sua própria felicidade e o exemplo das nações. Assim foram os primeiros persas, nação singular, onde se aprendia a virtude como nós aprendemos a ciência, que subjugou a Ásia com tanta facilidade e que, ela só, teve esta glória: que a história das suas instituições tenha passado para romance de filosofia. Assim foram os Cítias de que nos deixaram tão magníficos elogios. Assim foram os Germanos, de que uma pena cansada de escrever os crimes e perfídias de um povo instruído, opulento e voluptuoso, se consolava com pintar a simplicidade, a i nocência e as virtudes. Assim tinha sido a própria Roma, nos seus tempos de pobreza e de ignorância. E assim se mostrou até aos nossos dias essa nação rude tão louvada pela coragem, que a adversidade não conseguiu abater, e pela fidelidade que o exemplo não conseguiu corromper. (a)

E não foi por estupidez que estes preferiram outros exercícios aos do espírito. Não ignoravam que noutras regiões, homens ociosos passavam a vida a discutir sobre o soberano bem, sobre o vício e a virtude, e que orgulhosos pensadores, tecendo-se a si mesmos os maiores elogios, confundiam os

outros povos sob o nome desdenhoso de bárbaros; mas ponderaram os seus costumes e aprenderam a desdenhar a sua doutrina. (a)

Esquecerei eu que foi exactamente no seio da Grécia que se viu levantar-se essa cidade tão célebre pela sua feliz ignorância como pela sabedoria das suas leis, essa república mais de semi-deuses que de homens, de tal modo as suas virtudes pareciam superiores à humanidade? Oh! Esparta, opróbio eterno de uma vã doutrina! Enquanto os vícios levados pelas belas-artes penetravam juntos em Atenas, enquanto um tirano compilava tão cuidadosamente as obras do príncipe dos poetas, tu expulsavas dos teus muros as artes e os artistas, as ciências e os sábios!

O acontecimento determinou esta diferença. Atenas tornou-se a forja da cortesia e do bom gosto, o país dos oradores e dos filósofos: a elegância das construções correspondia à da linguagem; aí se viam por todo o lado o mármore e a tela animados pela mão dos mestres mais hábeis. De Atenas saem essas obras surpreendentes que serviriam de modelo para todas as eras corrompidas. O quadro de Lacedemónia é menos brilhante. *Lá*, diziam os outros povos, os *homens nascem virtuosos, e até o ar da região parece inspirar a virtude.* Não nos ficou dos seus habitantes senão a memória das acções heróicas. Tais monumentos terão menos valor para nós que os curiosos mármores que Atenas nos deixou?

Alguns sábios, é verdade, resistiram à torrente geral e defenderam-se do vício no refúgio das Musas.

Mas ouçamos o juízo que o primeiro e o mais infeliz dentre eles fazia ácerca dos sábios e dos artistas do seu tempo:

«Examinei, diz ele, os poetas e vejo-os como pessoas cujo talento os faz imporem-se a si próprios e aos outros, que se têm por sábios, que são tidos por tal, e que não são nada».

«Dos poetas, continua Sócrates, passei aos artistas. Ninguém ignorava mais das artes do que eu; ninguém mais do que eu estava convencido que os artistas possuíam segredos muito belos. No entanto, apercebi-me que a sua condição não é melhor que a dos poetas, e que estão uns e outros no mesmo preconceito. Porque os mais hábeis dentre eles, superiores no que fazem, olham-se como os mais sábios dos homens. Essa presunção diluiu inteiramente o seu saber a meus olhos: de sorte que, pondo-me no lugar do oráculo e perguntando-me o que gostaria mais de ser, o que eu sou ou o que eles são, saber o que aprenderam ou saber que nada sei, respondi-me a mim e ao deus: «Quero continuar aquilo que sou».

«Nem os sofistas, nem os poetas, nem os oradores, nem os artistas, nem eu sabemos o que é a verdade, o bom e o belo. Mas há entre nós esta diferença: apesar dessas pessoas nada saberem, todas julgam saber alguma coisa; enquanto que eu, se nada sei, pelo menos não tenho dúvidas disso. De maneira que toda essa superioridade de inteligência que me é concedida pelo oráculo, se reduz tão só a estar bem convencido de que ignoro o que não sei».

Aqui vemos o mais sábio dos homens no consenso dos deuses, e o mais sábio dos atenienses no sentir da Grécia inteira,

Sócrates, fazendo o elogio da ignorância! Acreditaremos que, se ele ressuscitasse entre nós, os nossos sábios e os nossos artistas o fariam mudar de opinião? Não, meus senhores: esse homem justo continuaria a desprezar as nossas vãs ciências; não ajudaria a engrossar essa caterva de livros com que nos inundam de todos, e não deixaria, como deixou, por única regra aos seus discípulos e aos nossos filhos, senão o exemplo e a memória da sua virtude. É assim que é belo instruir os homens.

Sócrates tinha começado em Atenas, o velho Catão continuou em Roma, a exaltar-se contra esses Gregos artificiosos e subtis que seduziam a virtude e amoleciam a coragem dos seus concidadãos. Mas as ciências, as artes e a dialéctica prevaleceram ainda: Roma encheu-se de filósofos e de oradores; negligenciou-se a disciplina militar, desprezou-se a agricultura, abraçaram-se as seitas e esqueceu-se a pátria. Aos nomes sagrados da liberdade, do desinteresse, da obediência às leis, sucederam os de Epicuro, de Zenão, de Arcesilau. *Desde que os sábios começaram a surgir entre nós,* diziam os seus próprios filósofos, *as pessoas de bem eclipsaram-se.* Até então os Romanos tinham-se contentado com praticar a virtude; tudo se perdeu quando começaram a estudá-la.

Oh Fabrício! Que teria pensado a vossa grande alma, se, para vossa desgraça, chamado à vida, tivésseis visto a face pomposa dessa Roma salva pelo vosso braço e que o vosso nome respeitável tinha ilustrado mais que todas as suas conquistas? «Oh! Deuses! — teríeis dito — que aconteceu a estas cabanas e a estes lares rústicos onde mora-

vam outrora a moderação e a virtude? Que esplendor fatal sucedeu à simplicidade romana? Que linguagem estranha é esta? Que costumes efeminados são estes? Que significam estas estátuas, estes quadros, estes edifícios? Insensatos, que fizestes? Vós, os senhores das nações, tornaste-vos os escravos dos homens frívolos que havíeis vencido! São enfatuados oradores quem vos governa! Foi para enriquecer arquitectos, pintores, escultores e comediantes que banhastes com o vosso sangue a Grécia e a Ásia! Os despojos de Cartago são presa de um tocador de flauta! Romanos apressem-se a arrasar esses anfiteatros; quebrem esses mármores, queimem esses quadros, persigam esses escravos que vos subjugam e cujas artes funestas vos corrompem. Que outras mãos se ilustrem por vãos talentos; o único talento digno de Roma é o de conquistar o mundo e de aí fazer reinar a virtude. Quando Cineas tomou o nosso senado por uma assembleia de reis, não foi fascinado nem por uma vã pompa, nem por uma elegância rebuscada; não ouviu essa eloquência frívola, estudo e encanto dos homens fúteis. Que viu então Cineas de tão majestoso? Oh! Cidadãos! Viu um espectáculo que jamais as vossas riquezas e todas as vossas artes poderão dar o mais belo espectáculo que alguma vez apareceu sob o céu: a assembleia de duzentos homens virtuosos, dignos de comandar Roma e de governar a terra.»

Mas atravessemos a distância dos lugares e dos tempos, e vejamos o que se passou na nossa terra e sob os nossos olhos; ou antes, afastemos as pinturas odiosas que feririam a nossa delicadeza e poupemo-nos o sacrifício de repetir as mesmas coisas por outras palavras. Não era em vão que eu invocava os manes de Fabrício; e que fiz eu dizer a esse grande homem que não pudesse ter posto na boca de Luís XII ou de Henrique IV? Entre nós, é verdade, Sócrates não teria bebido a cicuta, mas teria bebido numa taça ainda mais amarga a zombaria insultante e o desprezo, pior cem vezes que a morte.

Eis como o luxo, a dissolução e a escravatura foram em todos os tempos o castigo dos esforços orgulhosos que fizemos para sair da feliz ignorância onde a sapiência eterna nos tinha colocado. O véu espesso com que ela cobriu todas as suas obras parecia advertir-nos suficientemente que não nos tinha destinado para vãs pesquisas. Mas haverá alguma das suas lições que tivéssemos sabido aproveitar, ou que tenhamos negligenciado impunentemente? Povos, sabei então ao menos uma vez que a natureza quis preservar-vos da ciência, como uma mãe arranca uma arma perigosa das mãos do seu filho; que todos os segredos que vos esconde são outros tantos males de que vos defende, e que a dificuldade que encontrais em instruir-vos não é a menor das suas mercês. Os homens são perversos; seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascer sábios. Como estas reflexões são humilhantes para a humanidade! Como o nosso orgulho se deve humilhar! Mas quê! A probidade seria filha da ignorância? A ciência e a virtude seriam incompatíveis? Que consequências não se tirarão destes preconceitos? Mas, para conciliar estas contrariedades aparentes, basta examinar de perto a vaidade e vazio desses títulos orgu-

lhosos que nos deslumbram, e que damos tão gratuitamente aos conhecimentos humanos. Consideremos então as ciências e as artes em si mesmas. Vejamos o que deve resultar do seu progresso e não hesitemos mais em percorrer o mesmo caminho a partir dos pontos em que os nossos raciocínios se encontrem de acordo com as induções históricas.

SEGUNDA PARTE

Segundo uma antiga tradição que passou do Egipto para a Grécia, foi um deus inimigo do repouso o inventor das ciências (a). Que opinião seria então preciso que delas tivessem os próprios Egípcios, onde elas tinham nascido? É que eles viam de perto as fontes que as tinham originado. Efectivamente, quer se folheie os anais do mundo, quer se acrescente às crónicas imprecisas as pesquisas filosóficas, não se encontrará para os conhecimentos humanos uma origem que corresponda à ideia que as pessoas gostam de fazer delas. A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avareza; a física, de uma vã curiosidade; todas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem o seu aparecimento aos nossos vícios: teríamos menos dúvidas quanto às suas vantagens se elas o devessem às nossas virtudes.

O defeito da sua origem é-nos por demais mostrado nos seus objectos. Que faríamos das artes sem o luxo que as alimenta? Sem a injustiça dos homens, para que serviria a jurisprudência? Que seria da história se não houvesse tiranos, nem guerras, nem conspiradores? Quem quereria, numa palavra, passar a vida em estéreis

contemplações, se cada um, não consultando senão os deveres do homem e as necessidades da natureza não tivesse tempo senão para a pátria, para os infelizes e para os amigos? Seremos então feitos para morrer amarrados aos bordos do ponço para onde a verdade se retirou? Esta única reflexão deveria desanimar, desde os primeiros passos, todo o homem que procurasse sèriamente instruir-se pelo estudo da filosofia.

Quantos perigos, quantos falsos caminhos na investigação das ciências! Por quantos erros, mil vezes mais perigosos do que é útil a verdade, não será preciso passar para chegar a ela! A desvantagem é notória: pois o falso é susceptível de tomar uma infinidade de combinações; mas a verdade só tem uma maneira de ser. Quem é, além disso, que a procura muito sinceramente? Mesmo com a melhor das vontades por que marcas estamos nós seguros de a reconhecer? Nesta multidão de sentimentos diferentes, qual será o nosso critério para a julgar? (a) E o que é mais difícil, se, por felicidade, a encontramos no fim, qual de nós saberá fazer bom uso dela?

Se as nossas ciências são vãs no objecto que se propõem, são ainda mais perigosas pelos efeitos que prodduzem... Nascidas na ociosidade, alimentam-na por sua vez; e a perda irreparável do tempo é o primeiro prejuízo que causam necessàriamente à sociedade. Em política como em moral, é um grande mal nada fazer de bom; e todo o cidadão inútil pode ser considerado como um homem pernicioso. Respondam-me então, filósofos ilustres, vós

por quem sabemos em que condições os corpos se atraem no vazio; quais são, nas revoluções dos planetas, as relações das áreas percorridas em tempos iguais; que curvas têm pontos conjugados, pontos de inflexão e de reversão; como vê o homem tudo em Deus, como a alma e o corpo se correspondem sem comunicação, tal como fariam dois relógios; que astros podem ser habitados, que insectos se reproduzem de maneira extraordinária: respondam-me, repito, vós de quem recebemos tantos e tão sublimes conhecimentos: se não nos tivésseis ensinado nada disso, seríamos menos numerosos, menos bem governados, menos terríveis, menos florescentes ou mais perversos? Mudem então de opinião sobre a importância das vossas produções; e se os trabalhos dos mais esclarecidos dos nossos sábios e dos nossos melhores cidadãos nos são tão pouco úteis, dizei-nos o que devemos pensar dessa multidão de escritores obscuros e de letrados ociosos que devoram em pura perda a substância do Estado.

Mas que digo eu, ociosos? Prouvesse a Deus que o fossem com efeito! Os costumes seriam mais sãos e a sociedade mais tranquila. Mas esses vãos e fúteis declamadores vão por todo o lado, armados dos seus funestos paradoxos, minando os fundamentos da fé e destruindo a virtude. Sorriem desdenhosamente perante essas velhas palavras pátria e religião, e consagram os seus talentos e a sua filosofia à destruição e ao aviltamento de tudo o que há de sagrado entre os homens. Não que odeiem no fundo a virtude ou os dogmas; é da opinião pública que são inimigos; e

para os trazer de novo para ao pé dos altares, bastaria bani-los dentre os ateus. Oh! furor de se distinguir, que não podes tu!

É um grande mal o abuso do tempo. Outros males, piores ainda, seguem as letras e as artes. Assim é o luxo, nascido como elas da ociosidade e da vaidade dos homens. O luxo raramente anda longe das ciências e das artes, e elas nunca andam sem ele. Eu sei que a nossa filosofia, sempre fecunda em máximas singulares, pretende, contra a experiência dos séculos, que o luxo faz o esplendor dos Estados; mas, depois de esquecer a necessidade das leis sumptuárias, terá a ousadia de negar ainda que os bons costumes são essenciais para a duração dos impérios, e que o luxo se opõe diametralmente a eles? Que o luxo seja um sinal certo de riqueza; que serve mesmo, se se quiser, para a fazer multiplicar: que será preciso concluir deste paradoxo tão digno de ter nascido nos nossos dias? E que se tornará a virtude, quando for preciso enriquecer por qualquer preço? Os antigos políticos falavam sem cessar de costumes e de virtude: os nossos não falam senão de comércio e de dinheiro. Um dir--vos-á que um homem vale, em tal sítio, a soma porque se venderia em Argel; um outro, seguindo este cálculo, achará países onde um homem não vale nada e outros onde valerá menos que nada. Avaliam os homens como cabeças de gado. Segundo eles um homem não vale ao Estado senão aquilo que aí consome; assim um sibarita teria valido trinta lacedemónios. Adivinhe-se então qual destas duas repúblicas, Esparta ou Sibaria, foi subjugada por um bando de camponeses, e qual delas fez tremer a Ásia.

A monarquia de Ciro foi conquistada com trinta mil homens, por um príncipe mais pobre que o menor dos sátrapas da Pérsia; e os Citas, o mais miserável de todos os povos, resistiram ao mais poderoso monarca do universo. Duas famosas repúblicas disputaram o império do mundo; uma era muito rica, a outra não tinha nada e foi esta quem saiu vitoriosa. O império romano, por seu lado, depois de ter absorvido toda a riqueza do mundo, foi presa das gentes que nem sabiam o que era riqueza. Os Francos conquistaram as Gálias, os Saxões a Inglaterra, sem outros tesouros que a sua bravura e a sua pobreza. Um bando de pobres montanheses, cuja avidez se limitava a algumas peles de carneiro, após ter dominado a arrogância austríaca, esmagou essa opulenta e temível casa de Burgonha que fazia tremer os potentados da Europa. Por fim, toda a força e toda a inteligência do herdeiro de Carlos-Quinto, sustentadas por todos os tesouros das Índias, vieram quebrar-se contra um punhado de pescadores de arenques. Que os nossos políticos se dignem suspender os seus cálculos para reflectirem nestes exemplos, e que aprendam de uma vez que se obtém tudo com dinheiro, excepto os costumes e os cidadãos.

De que se trata então exactamente nessa questão do luxo? De saber o que importa mais aos impérios, se serem brilhantes e fugazes ou virtuosos e duráveis. Falo em brilhantes, mas que brilho? O gosto pelo fausto nunca se associa na mesma alma com o da honestidade. Não, não é possível que espíritos degradados por um amontoado de cuidados

fúteis se elevem alguma vez a algo de grandioso; e quando para isso tivessem forças, faltar-lhes-ia a coragem.

Todo o artista deseja ser aplaudido. Os elogios dos seus contemporâneos são a parte mais preciosa das suas recompensas. Que fará ele para os obter se tem a infelicidade de ter nascido no seio de um povo e numa época em que os sábios, agora à moda, tornaram uma juventude frívola em mestres das maneiras e dos hábitos; em que os homens sacrificaram o seu gosto aos tiranos da sua liberdade (a); em que, não ousando um dos sexos aprovar senão o que é proporcional à pusilanimidade do outro, se abandonam obras-primas de poesia dramática, e prodígios de harmonia são postos de lado? Que fará ele, meus senhores? Rebaixará o seu génio até ao nível do seu séculos, e agradar-lhe-á mais produzir obras comuns que alguém admire enquanto vive, do que maravilhas que não seriam admiradas senão depois de morto. Dizei-nos, célebre Arouet, quantas belezas vigorosas e fortes não haveis sacrificado à nossa falsa delicadeza! E quanto vos não custou em grandes coisas, o espírito galanteador, tão fértil em coisas pequenas!

É assim que a dissolução dos costumes, consequência necessária do luxo, arrasta por sua vez a corrupção do gosto. Que se, por acaso, entre os homens extraordinários pelos seus talentos, se encontrar alguém que tenha firmeza de alma e que recuse prestar-se ao génio do seu século e aviltar-se com produções pueris, desgraçado dele! Morrerá na indigência e no esquecimento. Faço apenas uma profecia e não o relato de uma experiência!

Carle, Pierre ([1]) é chegado o momento em que esse pincel destinado a aumentar a majestade dos nossos templos com imagens sublimes e santas, cairá das vossas mãos, ou será prostituído a ornar com pinturas lascivas os painéis de uma liteira. E tu, rival de Praxíteles e dos Fídias; tu, cujos antepassados teriam usado o cinzel para fazer deuses capazes de desculpar aos nossos olhos a sua idolatria; inimitável Pigalle, a tua mão resolver-se-á a esculpir o ventre dum mono ou então terá de ficar ociosa.

Não podemos reflectir sobre os costumes sem nos confragermos em recordar a imagem da simplicidade dos primeiros tempos. É uma bela margem ornada simplesmente pelas mãos da natureza, para a qual voltamos incessantemente os olhos e da qual nos sentimos afastar com pena. Quando os homens inocentes e virtuosos gostavam de ter os deuses por testemunhas das suas acções, habitavam juntos nas mesmas cabanas; mas tornando-se maus em pouco tempo, cansaram-se destes incómodos espectadores e relegaram-nos para templos magníficos. Por fim expulsaram-nos para se instalarem eles próprios ou pelo menos os templos dos deuses deixaram de se diferenciar das casas dos cidadãos. Foi então o cúmulo da depravação e os vícios nunca foram levados tão longe senão quando se viram por assim dizer apoiados na entrada dos palácios em colunas de mármore e gravado em capitéis coríntios.

Enquanto as comodidades da vida se multiplicam, que as artes se aperfeiçoam

---

([1]) Carle e Pierre Vanloo.

e que o luxo se espalha, a verdadeira coragem desfalece, as virtudes militares desaparecem; e é ainda a obra das ciências e de todas estas artes que se exercem à sombra do gabinete. Quando os Godos desvastaram a Grécia, todas as bibliotecas foram salvas do fogo ùnicamente por esta opinião espalhada por alguém de que era necessário deixar aos inimigos estes objectos tão próprios para os desviar dos exercícios militares e para os divertir em ocupações ociosas e sedentárias. Carlos VIII viu-se senhor da Toscana e do reino de Nápoles quase sem tirar a espada, e toda a sua corte atribuiu esta facilidade inesperada ao facto dos príncipes e da nobreza de Itália se divertirem mais a tornar-se engenhosos e sábios do que a exercitar-se para se tornarem vigorosos e guerreiros. Com efeito diz o homem de censo que narra estes dois factos [1], todos os exemplos nos ensinam que nesta polícia marcial e em todas as que lhe são semelhantes, o estudo das ciências é muito mais próprio para amolecer e efeminar os ânimos do que para os fortalecer e animar.

Os romanos confessaram que a virtude militar se tinha extinguido entre eles à medida que tinham começado a saber fazer quadros, gravuras, obras de ourivesaria e a cultivar as belas-artes; e como essa terra famosa estava destinada a servir, sem cessar, como exemplo aos outros povos, a elevação dos Médicis e o restabelecimento das letras fizeram cair novamente, e talvez para sempre, essa reputação guerreira que a Itália parecia ter recuperado há alguns séculos.

---

[1] Montaigne, *Essais*, livro I, capítulo XXIV.

As antigas repúblicas da Grécia, com essa finura que brilhava na maior parte das suas instituições, tinham proibido aos seus cidadãos todos esses ofícios tranquilos e sedentários que, abatendo e corrompendo o corpo, enfraquecem depressa o vigor da alma. Com que olhos, com efeito, se pensará que podem encarar a fome, a sede, as fadigas, os perigos e a morte, homens que a menor necessidade abate e que a menor dificuldade desanima? Com que coragem suportarão os trabalhos excessivos a que não estão nada habituados? Com que ardor farão eles marchas forçadas sob as ordens de oficiais que nem forças têm para andar a cavalo? E não me argumentem com o valor muito conhecido de todos esses modernos guerreiros tão sàbiamente disciplinados. Elogiam-me muito a sua bravura numa batalha; mas não me dizem nada de como suportam o excesso de trabalho, como resistem ao rigor das estações e às intempéries. Basta um pouco de sol ou de neve, basta a privação de algum supérfluo, para abater e destruir em poucos dias o melhor dos nossos exércitos. Guerreiros intrépidos, reconheçam, ao menos uma vez, a verdade que é tão raro ouvirdes. Vós sois bravos, eu sei; teríeis triunfado com Aníbal em Cannes e em Trasimeno; César convosco teria passado o Rubicão e subjugado o seu país, mas nunca teria sido convosco que o primeiro teria passado os Alpes, e que o outro teria vencido os vossos antepassados.

Os combates nem sempre fazem o sucesso na guerra, que é para os generais uma arte superior à de ganhar batalhas. Correr para o fogo com intrepidez não significa deixar

de ser um péssimo oficial; no próprio soldado, um pouco mais de força e de vigor seriam talvez mais necessários do que tanta bravura, que o não livram da morte. E interessará ao Estado que as suas tropas morram de febre e de frio, ou pelo ferro do inimigo?

Se o cultivar das ciências é nocivo para as qualidades guerreiras, é-o mais ainda para as qualidades morais. É desde os primeiros anos que uma educação insensata nos enfeita o espírito e nos corrompe a razão. Vejo por todo o lado estabelecimentos imensos, onde se educa por alto preço a juventude, para lhe ensinar todas as coisas menos os seus deveres. Os vossos filhos podem desconhecer a própria língua, mas falarão outras que em nenhum sítio se utilizam; saberão fazer versos que com dificuldade compreendem; sem saber destrinçar o erro da verdade, dominarão a arte de os tornar irreconhecíveis aos olhos dos outros com argumentos ilusórios; mas os termos magnanimidade, equidade, temperança, humanidade, coragem, não saberão eles o que são; o nome doce de pátria nunca os fará vibrar; e se ouvem falar de Deus, será mais para o recear do que para nele crer (a). Eu gostaria tanto, dizia um sábio, que o meu aluno passasse o tempo a jogar a péla; ao menos o corpo tornava-se mais ágil. Eu sei que é preciso ocupar as crianças, e que a ociosidade é para elas o perigo mais terrível. Que será preciso então que aprendam? Cá está uma boa pergunta! Que aprendam o que devem fazer quando homens (b) e não o que devem esquecer.

Os nossos jardins estão ornados de estátuas e as galerias de quadros. Que pen-

saríeis que representam essas obras-primas expostas à admiração pública? Os defensores da pátria? Ou esses homens maiores ainda que a enriqueceram com suas virtudes? Não. São imagens de todos os desvarios do coração e da razão, tiradas cuidadosamente da antiga mitologia, e apresentadas bem cedo à curiosidade dos nossos filhos, sem dúvida a fim de que tenha sob os olhos modelos de más acções, antes mesmo de saberem ler.

De onde nascem todos estes abusos, senão da desigualdade funesta introduzida entre os homens pela distinção de talentos e pelo aviltamento das virtudes? Eis o efeito mais evidente de todos os nossos estudos, e a mais perigosa das suas consequências. Já não se pergunta a um homem se é probo, mas se tem talentos; nem a um livro se é útil, mas se está bem escrito. As recompensas são prodigalizadas ao espírito, e a virtude queda-se sem honra. Há mil prémios para belos discursos, nenhum para belas acções. Mas digam-me no entanto se a glória atribuída ao melhor dos discursos que são coroados nesta Academia, é comparável ao mérito de ter fundado esse prémio.

O sábio não corre atrás da fortuna; mas não é insensível à glória; e quando a vê tão mal distribuída, a sua virtude, que um pouco de emulação teria animado e tornado vantajosa para a sociedade, cai na apatia e apaga-se na miséria e no esquecimento. Eis o que a longo prazo deve produzir a preferência de talentos agradáveis sobre os talentos úteis, e o que a experiência não deixou de confirmar, a renovação das ciências e das artes. Temos físicos, geómetras,

químicos, astrónomos, poetas, músicos, pintores; já não temos cidadãos; ou, se ainda os há, dispersos pelas aldeias abandonadas, morrem por lá na indigência e no desprezo. Tal é o estado a que se vêem reduzidos, tais são os sentimentos que obtêm de nós aqueles que nos dão o pão e o leite aos nossos filhos.

No entanto, confesso-o, o mal não é tão grande como poderia ser. A previdência eterna, ao colocar ao lado de diversas plantas nocivas outras salutares e na substância de muitos animais malfazejos, o remédio para as suas feridas, ensinou aos soberanos, que são os seus ministros, a imitar a sua sabedoria. É com esse exemplo que do próprio seio das ciências e das artes, fontes mil desregramentos, esse grande monarca, cuja glória nunca deixará de adquirir de era para era senão um novo brilho, tirou essas sociedades celebres carregadas simultaneamente com o perigoso depósito dos conhecimentos humanos e com o depósito sagrado dos costumes, graças à atenção que possuem para manter em si toda a pureza e para a exigir nos membros que recebem.

Essas sábias instituições, consolidadas pelo seu augusto sucessor e imitadas por todos os reis da Europa, servirão pelo menos de freio aos homens das letras, que todos, aspirando à honra de ser admitidos nas academias, velarão por si mesmos; e esforçar-se-ão por delas serem merecedores, por obras dignas e costumes irrepreensíveis. Aquelas dessas sociedades, que pelos prémios com que honram o mérito literário, fazem uma escolha de assuntos próprios para reanimar o amor

à virtude no coração dos cidadãos mostrarão que esse amor reina entre eles, e darão aos povos o prazer tão raro e tão doce de ver sábias sociedades devotando-se a lançar sobre o género humano, não sòmente luzes agradáveis, mas também instruções salutares.

E não me proponham então uma objecção que para mim não é senão uma nova prova. Tantos cuidados não mostram mais do que a necessidade de os aplicar, e que se não procuram remédios para males que não existem. Porque será necessário que estes tragam em si ainda pela sua insuficiência o carácter de remédios ordinários? Tantos estabelecimentos feitos para benefício dos sábios são mais capazes de impôr esses remédios aos objectos das ciências e de virar os espíritos para a sua cultura. Parece, com as precauções que se tomam, que se têm trabalhadores de mais e que se receia a falta de filósofos. Não quero arriscar aqui uma comparação entre a agricultura e a filosofia; não seria suportável. Perguntarei apenas: Que é a filosofia? Que contém os escritos dos filósofos mais conhecidos? Quais são as lições destes amigos do saber? Ao ouvi-los, não os confundiremos com um bando de charlatães gritando cada um para seu lado na praça pública: Venham a mim, só eu não engano? Um pretende que o corpo não existe e que tudo é uma representação; outro que não há outra substância além da matéria, nem outro deus além do mundo. Este adianta que não há virtudes, nem vícios e que o bem e o mal moral são quimeras; aquele que os homens são lobos e que podem devorar-se em paz de consciência. Oh!

Grandes filósofos! Porque não reservais para os vossos amigos e para os vossos filhos essas lições proveitosas? Recebereis depressa o prémio e não recearemos encontrar entre os nossos algum dos vossos seguidores.

Ei-los então, os homens maravilhosos a quem a estima dos seus contemporâneos foi prodigalizada durante a vida, e a imortalidade reservada depois da morte! Aqui estão as sábias máximas que deles recebemos e que transmitimos de geração em geração aos nossos descendentes! O paganismo, consagrado a todos os delírios da razão humana, terá deixado à posteridade algo que se possa comparar aos monumentos vergonhosos que lhe arranjou a imprensa sob o reinado do Evangelho? Os escritos ímpios de Lencipo e dos Diágoras pereceram com eles; não se tinha ainda inventado a arte de eternisar as extravagâncias do espírito humano; mas graças aos caracteres tipográficos (a) e ao uso que deles fazemos, as perigosas fantasias dos Hobbes e dos Espinova ficarão para sempre. Andem, escritos célebres de que a ignorância e a rudeza dos nossos pais não teriam sido capazes, acompanhem para os nossos descendentes essas obras mais perigosas ainda, donde se escala a corrupção dos costumes do nosso século, e levem juntos pelos séculos fora uma história fiel das nossas ciências e das nossas artes. Se eles vos lerem, não lhes deixareis nenhuma preplexidade sobre a questão que agitamos hoje; e, a menos que sejam mais insensatos que nós, levantarão as mãos ao céu, e dirão na amargura do seu coração: «Deus todo-poderoso, tu que tens nas tuas mãos os

espíritos, livra-nos das luzes e das perniciosas artes de nossos pais e dá-nos a ignorância, a inocência e a pobreza, os únicos bens que podem fazer a nossa felicidade e que te são preciosos».

Mas se a progresso das ciências e das artes nada somou à nossa verdadeira felicidade; se nos corrompeu os costumes e se essa corrupção atingiu a pureza do gosto, que pensaremos dessa multidão de autores elementares que afastaram do templo das Musas as dificuldades que lhe defendiam o acesso, e que a natureza aí tinha espalhado como prova de forças para aqueles que fossem tentados pelo saber? Que pensamentos desses compiladores de obras que indiscretamente arrombaram a porta das ciências e introduziram no seu santuário uma populaça indigna de dele se aproximar, enquanto seria de desejar que todos os que não podiam ir longe na carreira das letras tivessem sido dela desanimados desde o início e lançados em artes úteis à sociedade? Alguém que será toda a vida um mau versejado, uma geometra inferior, poderia ter sido talvez um grande fabricante de estofos. Não precisaram de mestres aqueles que a natureza destinou para formar discípulos. Os Verulam [1], os Descartes e os Newton, esses preceptores do género humano, também não os tiveram; e que guias os teriam conduzido até onde o seu vasto génio os levou? Mestres vulgares não teriam podido senão limitar o seu entendimento apertando-o na estreita capacidade do

[1] Francisco Bacon, barão de Verulam (1561-1626) chanceler de Inglaterra, autor do *Instauratio Magna* e um dos criadores do método experimental.

seu próprio. Foi graças aos primeiros obstáculos que aprenderam a fazer esforços e que se habituaram a franquear o espaço imenso que percorreram. Se é preciso permitir a alguns homens que se entreguem ao estudo das ciências e das artes, não será senão àqueles que sentirem a força para caminhar sós sobre os seus passos e de os ultrapassar: é a este pequeno número que pertence levantar monumentos à glória do espírito humano. Mas se se quer que nada esteja para além do seu génio, é preciso que nada esteja acima das suas esperanças: eis o único alento de que necessitam. A alma harmoniza-se insensìvelmente com os objectivos que a ocupam, e são as grandes ocasiões que fazem os grandes homens. O príncipe da eloquência foi consul de Roma; e o maior, talvez, dos filósofos, chanceler de Inglaterra. Acreditam que se um tivesse ocupado uma cátedra numa universiade qualquer e o outro tivesse obtido uma módica pensão da academia, acreditam, dizia eu, que não reflectiriam a sua situação? Que os reis não desdenhem então de admitir nos seus conselhos as pessoas mais capazes de os aconselhar bem; que renunciem a esse velho preconceito inventado pelo orgulho dos grandes, que a arte de conduzir os povos é mais difícil do que a dos esclarecer; como se fosse mais fácil empenhar os homens a que façam bem de sua livre vontade do que obrigá-los a isso pela força: que os sábios de primeira ordem encontrem no seu caminho honrosos abrigos; que aí obtenham a única recompensa digna deles, a de contribuir pelo seu crédito para a felicidade dos povos, a quem terão ensinado a sabedoria: será só então que se verá o que podem a virtude, a ciência e a

autoridade animadas de uma nobre emulação, e trabalhando em uníssono para a felicidade do género humano. Mas enquanto o poder estiver só de um lado, as luzes e a sabedoria só do outro, os sábios raramente pensarão em grandes coisas, os príncipes mais raramente farão belas e os povos continuarão vis, corruptos e infelizes.

Nós homens vulgares, a quem o céu não distribuiu grandes talentos, e a quem não destinou tanta glória, fiquemos na nossa obscuridade. Não corramos atrás de uma reputação que nos escaparia, e que no presente estado de coisas, nunca nos traria o que nos teria custado quando tivessemos todos os títulos para a obter. Para quê procurar a nossa felicidade na opinião de outrém, se a podemos encontrar em nós próprios? Deixemos a outros o cuidado de ensinar aos povos os seus deveres, e limitemo-nos a cumprir bem os nossos; não precisamos de saber mais.

Oh! Virtude, ciência sublime das almas simples, serão precisos tantos trabalhos e aparato para te conhecer? Os teus princípios não estarão gravados em todos os corações? E não bastará para aprender as tuas leis penetrar em si mesmo e escutar a voz da sua consciência no silêncio das paixões? Eis a verdadeira filosofia, saibamos contentar-nos com ela, e sem desejar a glória dos homens célebres que se imortalizam na república das letras, esforcemo-nos por colocar entre eles e nós essa distinção gloriosa que se notava outrora entre dois grandes povos: um que sabia dizer bem e o outro executar.

NOTAS

Pág. 6 — (a) Os príncipes veêm sempre com prazer o gosto pelas artes agradáveis e pelo supérfluo, cuja exportação de dinheiro não resulta, alastrar entre os seus súbditos: pois além de os alimentar nessa pequenez de alma tão própria à servidão, sabem eles muito bem que todas as necessidades a que o povo se dá são outras tantas cadeias com que se prende. Alexandre, querendo manter sob a sua dependência os Ictiofagos, forçou-os a renunciar à pesca e a alimentar-se como os outros povos; e os selvagens da América, que andam nus, e que não vivem senão do produto da caça, nunca puderam ser dominados: com efeito que jugo se poderia impor a quem não precisa de nada?

Pág. 8 — (a) «Gosto, diz Montaigne, de contestar e discorrer, mas com poucos homens e para mim. Porque servir de espectáculo aos grandes e fazer ostensivamente gala do seu espírito e palavreado, acho que é um ofício muito inconveniente para um homem de honra». (Liv. III Cap. VIII). É o de todos os nossos belos espíritos, menos um [1].

Pág. 9 — (a) No ouso falar dessas nações felizes, que não conhecem sequer de nome os vícios que nos custam tanto a reprimir; dos selvagens da América, de que Montaigne não hesita em preferir a simples e natural polícia, não só às leis de Platão, mas mesmo a tudo o que a filosofia poderia alguma vez ter imaginado de mais perfeito para o governo dos povos. E cita uma quantidade de exemplos flagrantes para quem os saiba admirar: «Mas quê, diz ele, nem usam culotes». (Liv. I, Cap. XXX).

---

[1] Será Diderot?

Pág. 10 — (a) Digam-me, de boa fé, qual a opinião que os próprios Atenienses deviam ter da eloquência, para a afastarem com tanto cuidado desse tribunal íntegro, do qual nem os próprios deuses apeiavam. Que pensavam os Romanos da medicina, quando a baniram da sua república? E quando um resto de humanidade levou os Espanhóis a proibirem aos seus homens de leis, a entrada na América, que ideia seria preciso terem da jurisprudência? Não me dirão que eles pensavam reparar por esse único acto, todos os males que tinham feito aos pobres Índios?

Pág. 13 — (a) Percebe-se fàcilmente a alegoria da fábula de Prometeu, e não parece que que os Gregos, que pregaram com ele no Cáucaso, formassem dele uma ideia mais favorável do que a que os Egípcios tinham do seu deus Teutus. «O Satiro, diz uma antiga fábula, quis lutar e agarrar o fogo a primeira vez que o viu; mas Prometeu gritou-lhe: «Satiro, chorarás a barba do teu queixo, pois ele queima quando lhe tocam».

Pág. 14 — (a) Quanto menos se sabe, mais se crê saber. Os peripatéticos duvidavam de alguma coisa? Não construiu Descartes o universo com cubos e turbilhões? E haverá hoje, mesmo na Europa um físico por medíocre que seja que não explique arrojadamente esse profundo mistério da electricidade, que fará talvez para sempre o desespero dos verdadeiros filósofos?

Pág. 17 — (a) Estou bem longe de pensar que esse ascendente das mulheres seja um mal em si mesmo. É um presente que a natureza lhes fez para a felicidade do género humano, melhor dirigido poderia fazer tanto bem quanto mal hoje faz. Não se adivinham suficientemente quais as vantagens que adviriam para a sociedade, duma melhor educação dada a essa metade do género humano que governa o outro. Os homens serão

4

sempre o que agrada as mulheres; se quereis então que eles se tornem grandes e virtuosos, ensinai às mulheres o que é a grandeza de alma e a virtude. As reflexões que este assunto fornece, e que Platão fez outrora, mereciam bem ser melhor desenvolvidas por uma pena digna de escrever depois de um tal mestre, e de defendermos tão grande causa.

Pág. 20 — (a) *Pensées philosophiques* (Pensamentos Filosóficos) (1).

Pág. 20 — (b) Assim era a educação dos Espartanos, segundo o maior dos seus reis. «É, diz Montaigne, coisa digna de muita consideração, que neste excelente regulamento de Licurgo, monstruoso pela sua perfeição, tão cuidadosa, contudo, na alimentação das crianças, como se fosse o seu principal cargo, e na própria morada das musas, se faça tão pequena menção da doutrina: como se esta generosa juventude, desdenhando qualquer jugo, se lhe devesse dar, em vez dos nossos mestres de ciência, ùnicamente mestres de valentia, prudência e justiça». Vejamos agora como o autor fala dos antigos Persas: Platão, diz ele, conta «que o filho mais velho da sua sucessão real era assim alimentado. Após o seu nascimento, era entregue não a mulheres mas a eunucos de máxima autoridade junto dos reis por causa da sua virtude. Estes tomavam a seu cargo dar-lhe um corpo robusto e são e depois dos sete anos ensinavam-no a montar a cavalo e a ir à caça. Quando chegava aos catorze anos, entregavam-no aos cuidados de quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais sóbrio, e

(1) *Pensamentos filosóficos,* obra de Diderot, foram publicados em 1746, retomadas depois sob o título de *Étrennes aux esprits forts* (Dádivas aos espíritos fortes). Esses *Pensamentos filosóficos* foram condenados ao fogo. Rousseau cita o pensamento XXV.

o mais corajoso da nação. O primeiro ensinava-lhe a religião; o segundo a ser sempre verdadeiro; o terceiro a tornar-se senhor das paixões; o quarto a nada temer»; todos, acrescento eu, a torná-lo bom, nenhum a torná-lo sábio.

Astíage, segundo Xenofonte, pede a Cirus contas da sua última lição: aconteceu, disse ele, que na nossa escola um rapaz grande que tinha uma túnica pequena deu-a a um dos seus companheiros de mais pequena estatura, e tirou-lhe a túnica que era muito grande. Tendo o nosso perceptor feito de mim juíz deste deferendo, eu julguei que seria necessário deixar as coisas como estavam e que um e outro pareciam estar melhor acomodados neste caso. No que ele me mostrou ter agido mal; porque me tinha demorado a considerar o decoro e era preciso, primeiro, providenciar em relação à justiça, que, dizia, ninguém devia estar contra vontade naquilo que lhe pertencia; e disse que ele fosse fustigado, da mesma maneira que nós estamos nas nossas aldeias por termos esquecido o primeiro aoristo de cirus. O meu regente far-me-ia um belo sermão *in genere demonstrativo,* antes de me convencer de que a sua escola valia aquela. (Liv. I, cap. XXII).

Pág. 23 — (a) Considerando as terríveis desordens que a imprensa já causou na Europa, ao pensar no futuro, pelo que o mal faz de dia para dia, pode-se prever fàcilmente que os soberanos não tardaram a dar-se tantos cuidados para banir esta arte terrível dos seus Estados, como se atearam para a introduzirem. O sultão Achmet, cedendo às pressões de algumas pretensas pessoas de gosto, tinha consentido estabelecer uma tipografia em Constatinopla; mas mal começou a funcionar a imprensa tiveram que a destruir e deitar o material a um poço. Diz-se que o califa Omar, consultado

sobre o que seria necessário fazer da biblioteca de Alexandria, respondeu nestes termos: «Se os livros dessa biblioteca contém coisas contrárias ao Alcorão são maus e é preciso queimá-los; se contém só o que diz o Alcorão, queimem-nos também, são supérfluos». Os nossos sábios citaram este raciocínio como o cúmulo do absurdo. No entanto imaginem Gregório, o Grande, em lugar de Omar e o Evangelho em lugar do Alcorão, a biblioteca teria sido queimada e teria sido talvez o momento mais belo da vida desse ilustre pontífice.

ÍNDICE

TEXTOS MARGINAIS

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — O SISTEMA IRRACIONAL, *Paul A. Baran Paul M. Sweezy,* Fevereiro de 1972 (Esgotado)

2 — A GUERRA CIVIL DE ESPANHA, *Andrés Nin,* Março de 1972 (Esgotado)

3 — O COMBATE SEXUAL DA JUVENTUDE *Wilhelm Reich,* Abril de 1972 (Esgotado)

4 — CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO, *Friedrich Engels,* Abril de 1972 — 2.ª Edição

5 — OS CRISTÃOS E A LIBERTAÇÃO DOS POVOS, *Yves Jolif, C. L. A. S. C. e F. C. L. A., Jean Cardonnel O. P., Francisco Lage Pessoa, Padre Arrupe, Paul Blanquart O. P., José Maria Llanos S. J.,* Maio de 1972.

6 — DISCURSO SOBRE AS ARTES E AS CIÊNCIAS, *Jean-Jacques Rousseau*